



LUIZ ALBERTO DE FARIAS  
VALÉRIA DE SIQUEIRA CASTRO LOPES  
CLEUSA SCROFERNEKER  
(ORGANIZADORES)

# COMUNICAÇÃO, ECONOMIA E INDÚSTRIAS CRIATIVAS

## RUMO A UMA ECONOMIA CRIATIVA SEM OBJETO(S)

JUREMIR MACHADO DA SILVA<sup>1</sup>

### RESUMO

Este texto examina as transformações sociais determinadas pela evolução da tecnologia em curso. Projeta-se um mundo cada vez mais desmaterializado, com o desaparecimento de certas atividades e funções tradicionais, e o surgimento, cada vez mais intenso, de um mercado criativo marcado por novos serviços e pelo tempo livre.

**Palavras-chave:** Economia criativa; Imaginário; Tempo livre; Cultura.

Tudo se desmaterializa. Depois do triunfo milenar dos objetos, o ocaso vertiginoso da matéria. Após o sistema do palpável e do concreto como parâmetro existencial, a era fluida do mundo digital. Se a matéria, para sua fruição absoluta, dependia do tato, sentido por excelência do barroquismo da mercadoria, o imaterial está na ponta dos dedos como num toque de mágica que abre telas e universos paralelos. Mas não só. E cada vez menos. Tudo perde peso, tamanho e profundidade. Tudo se

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Sorbonne, Paris V, escritor, historiador, jornalista, radialista e tradutor, é pesquisador 1B do CNPq, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). É autor de uma série de livros, entre os quais *As tecnologias do imaginário* (Sulina, 2003) e, o mais recente, *Corruptos de estimação e outros textos sobre o golpe hiper-real* (Sulina, 2016). E.mail: [juremir@puccrs.br](mailto:juremir@puccrs.br).

contradiz e complementa. O objeto era o totem mercantil em torno do qual os homens comungavam. O computador e os demais dispositivos móveis de acesso às redes tomaram esse lugar sagrado. Até quando? Em breve, a conexão se dará de mente a nuvem.

## DO SÓLIDO AO IMATERIAL

Karl Marx, no século XIX, espantava-se com o fato de que tudo o que era sólido se desmanchava no ar. Marshall Berman recorreu a essa ideia para título de um livro em 1982. Ambos falavam, com um século de desenvolvimento social e econômico entre eles, do desmanche dos valores, das certezas, dos projetos, das verdades e dos horizontes.

No entanto, quanto mais perto chegamos do que Marx de fato disse, menos sentido faz esse dualismo. Tomemos uma imagem como esta: ‘Tudo o que é sólido desmancha no ar’. A ambição cósmica e a grandeza visionária da imagem, sua força altamente concentrada e dramática, seus subtons vagamente apocalípticos, a ambiguidade de seu ponto de vista – o calor que destrói é também energia superabundante, um transbordamento de vida –, todas essas qualidades são em princípio traços característicos da imaginação modernista. Representam com exatidão a espécie de coisas que estamos preparados para encontrar em Rimbaud ou Nietzsche, Rilke ou Yeats – ‘As coisas se desintegram, o centro nada retém’. De fato, essa imagem de Marx, não vem de qualquer esotérico manuscrito juvenil, por muito tempo inédito, mas direto do *Manifesto comunista* (Berman, 1987, p. 88).

Essa ideia, porém, da dissolução do centro concreto dos valores de uma época, soa hoje esotericamente juvenil. O que era uma metáfora moderna e angustiante se tornou algo literal e corriqueiro: agora são os objetos que se desmancham no ar. Uma dissolução sem poesia nem manifestos apocalípticos. Ao fetiche da mercadoria como objeto, próprio

do capitalismo industrial, sucede o fetiche da mercadoria como *design* ou como irrealidade totalmente presente e desejada. Quem tem medo do desaparecimento dos objetos? Quem teme a desmaterialização da produção e do trabalho? Quem se agarra ao concreto? Somente aqueles que por nostalgia ou incompreensão se apegam ao que já não serve de suporte ou de gancho para uma civilização. A modernidade tornou-se antiga. Os objetos converteram-se em fósseis, âncoras de um tempo de utopias insulares e de referências volumosas.

Pensar uma época requer normalmente atenção ao presente e capacidade de projeção para o futuro. A relação entre passado, presente e futuro pode ser sólida como a eternidade, mas repentinamente tudo se dissolve numa onda de mutações que, conforme a sua dimensão e seu volume, será chamada de “sem precedentes” ou de “sem comparação”. A desmaterialização tem seu símbolo maior na metamorfose do próprio valor de troca: o dinheiro. Longe vai o tempo do lastro ouro. É a ideia de lastro que cai. O dinheiro agora é cada vez mais apenas uma informação que se emite e que se troca. As cédulas e moedas já aparecem como espécies em extinção, resquícios de uma materialidade tão anacrônica quanto o escambo, a troca antiga de produto contra produto. Trocavam-se produtos por produtos ou cédulas e moedas por objetos ou produtos materiais fabricados ou naturais. Troca-se agora informação monetária por serviços impalpáveis.

## **DA LEVEZA DO IMATERIAL**

O fenômeno da desmaterialização da vida cotidiana tem chamado a atenção de sociólogos, economistas, antropólogos, comunicólogos, filósofos e tantos outros especialistas do contemporâneo. Quanto mais o atual se dá a ver, numa busca desenfreada pela transparência, mais produz seus intérpretes. O filósofo francês Gilles Lipovetsky dedicou um livro ao tema: *Da leveza: rumo a uma civilização sem peso* (2016). Para ele, que

descreve tempos hipermodernos, a ordem é diminuir tudo de tamanho, tornar leve, miniaturizar, desmaterializar, emagrecer,

Em toda parte, o objetivo é expulsar a gordura, tornar os corpos fluidos, aliviá-los do peso da corporeidade. A era hipermoderna vê o triunfo de uma cultura transestética da leveza, portadora de prazeres aéreos e de sonhos, mas também de pesadelos. Enquanto se afirma a vitória simbólica do leve sobre o pesado, aumentam a obsessão pela saúde e a tirania da 'magreza', fontes de um novo peso. Esta é a ironia da leveza dos tempos hipermodernos (Lipovetsky, 2016, p. 77).

O paradigma da leveza corporal aplica-se a tudo mais. A leveza, porém, teu seu peso. Ela gera obsessões, frustrações, pesadelos, fracassos e doenças específicas. A depressão seria a patologia principal da era do leve. Quando tudo deve perder volume, uma carga imensa pesa sobre os ombros dos seres humanos em moto-contínuo. A leveza é um fardo que precisa ser eliminado sem provocar sobrecarga. A desmaterialização passa também pela desconstrução dos novos mitos do leve, do ágil e do divertido. A cura não pode ser feita a qualquer custo. Os próprios medicamentos precisam ser menores, de ação mais rápida e obviamente com menos efeitos colaterais. Nunca se foi tão longe na ideia de que mais é menos. Menos é tudo. Lipovetsky (2016, p. 121) diz:

O fato está aí: na produção dos bens materiais, já é possível utilizar proporcionalmente cada vez menos matéria e energia. Isso é o que se chama 'desmaterialização relativa': fazer os mesmos objetos com menos matéria, produzir mais bens a partir de uma quantidade de matéria idêntica ou menor, diminuir o consumo de recursos materiais por unidade de valor agregado. Uma desmaterialização sustentada pelo processo de miniaturização e pela fabricação de materiais e de objetos mais leves, isto é, que exigem menos matéria. De agora em diante, a desmaterialização baseia-se cada vez mais na ex-

pansão da digitalização de todo um conjunto de serviços e de conteúdos. Com as novas tecnologias da informação e da comunicação, a desmaterialização consiste na transformação de atividades físicas ou com suporte material em atividades imateriais tornadas possíveis pelas ferramentas informáticas. Os TIC permitem a realização por via eletrônica daquilo que era feito por meio de um processo físico. Na era da invasão digital, os dados informáticos, os arquivos eletrônicos e o tratamento digital desempenham um papel central em todos os campos da atividade humana. Fazemos parte de um mundo marcado pela 'substituição informacional': o *cyber* comércio pode substituir a loja; o *e-learning*, a sala de aula; a teleconferência, as reuniões físicas; o teletrabalho, o escritório; ouvir música *on-line*, os CDs; o livro eletrônico, o livro de papel: 'Este verão, vou viajar mais leve: um biquíni, uma saia e mil livros' – publicidade do leitor Kobo.

No trabalho, já não importa estar de corpo presente. Se um dia essa foi uma forma de denunciar ausência, agora representa uma nova modalidade de realização. Expressões consagradas sofrerão revisão: "corpo mole" deixará de significar preguiça? O imaginário social, com suas formas de enunciação, reflete o espírito de uma época e materializa (dá corpo) ao que desliza na irrealidade ou *surrealidade* cotidiana. O local de trabalho cede lugar ao que não ocupa espaço. Ou, noutra perspectiva, ou em situação complementar, local de trabalho e espaço privado fundem-se numa redefinição do público e do privado. A própria noção de tempo ou jornada laboral se altera. O homem digital está sempre conectado e permanentemente em atividade.

As transformações mais consistentes desacomodam estruturas assentadas. O medo instala-se no coração de alguns. Outros, deslumbram-se. O culto dos objetos tem seus épicos: o livro, a livraria, a biblioteca. Onde tudo isso vai parar? No museu das materialidades que construíram a civilização da escrita? A possível perda desse universo material produz melancolia antecipada, uma doença muito comum entre quem encontrou para si um

lugar num mundo de estranhezas e permanente dissolução. A perda dessa materialidade não é muito mais o símbolo de um modo de ser no mundo que dá lugar a outro? O que se perde: o texto, a ideia ou o volume de papel com seus espaços sagrados? A materialidade tinha, no caso, um valor que só se revelou totalmente com a ameaça, real ou não, da sua extinção.

O homem-massa da modernidade industrial é sugado pela vertigem do homem desmaterializado da hipermodernidade – essa aceleração do culto moderno à velocidade – até se tornar menos do que líquido e mais do que localizável: etéreo, gasoso, inapreensível, ambíguo, ubíquo ou onipresente. As metamorfoses da materialidade não se fazem, contudo, sem redesenhar o hábitat social dos indivíduos com suas estruturas imaginárias. Uma nova ecologia do cotidiano se impõe.

## NOVOS MUNDOS IMATERIAIS DO TRABALHO

Cada época com sua tecnologia. Cada tecnologia com suas repercussões no cotidiano. Cada cotidiano com suas singularidades. Pensador das novas tecnologias, do digital e do ciberespaço desde o surgimento da internet, o filósofo francês Pierre Lévy analisa com certa ironia os temores dos muitos que se apavoram com as transformações tecnológicas e suas influências no dia a dia. Profissões estão desaparecendo. Outras estão surgindo. Tudo se move:

A economia inteira está em transformação. Os corretores de imóveis, por exemplo, se não desaparecerem, vão ter menos o que fazer. Aplicativos farão o que hoje eles possibilitam. Jornalistas sempre existirão para apurar notícias e contar histórias, pois isso exige tempo, dinheiro e profissionalismo, mas os jornais passarão por muitas mudanças ainda. Editores de revistas científicas desaparecerão. Cada um publicará seu artigo científico num *site* pessoal ou coletivo e as avaliações serão feitas depois. Isso já existe. O importante é a circulação de ideias, não o controle prévio da publicação. É mais de-

mocrático, aberto e é gratuito. As bibliotecas universitárias gastam fortunas inutilmente para assinar publicações que podem e devem estar abertas a todos. Esse é o futuro<sup>2</sup>.

Se algo morre, algo nasce para substituí-lo. A desmaterialização da economia abre espaço para a indústria criativa das interações simbólicas. O homem do século XXI é cada vez mais um produtor e um consumidor de símbolos sob a forma de entretenimento, arte e serviço. As transformações do mercado não se fazem sem perdas, ganhos e danos. A era dos aplicativos, da qual o Uber é símbolo maior, transforma o proletário em “parceiro”. Nesse sentido, dispensa a legislação trabalhista, pois não há vínculo empregatício entre as partes. Nesse movimento, o capital (aplicativo) livra-se de todos os encargos. Nem sequer fornece os meios de produção. Se a ferramenta estraga, cabe ao seu proprietário, o parceiro, consertá-lo. Eis a grande novidade que desmaterializa as relações do passado: no capitalismo hipermoderno o trabalhador passa a ser o proprietário dos meios de produção.

O patrão passa a ser uma miragem ou vaga referência superada pela tecnologia, um aplicativo que não fixa a jornada de trabalho nem a meta a ser cumprida pelo associado. Se na lógica marxista tradicional o burguês se apropriava da maior parte do tempo de trabalho do proletário, convertido em mais-valia, na dinâmica desmaterializada do capitalismo dos aplicativos de trabalho colaborativo o capital contenta-se com a menor parte (25%). Tudo que era sólido se fluidifica em transações que se apresentam como flexíveis, abertas e favoráveis à autonomia dos “parceiros”. Essa narrativa que desmaterializa as regras da produção pode ser reescrita com outros termos: precarização, desproteção, desarticulação das relações formais de trabalho e abandono.

Patrão e empregado, burguesia e proletariado, desmaterializam-se. A mercadoria permanece como aura e fetiche. No sistema da ausência

---

<sup>2</sup> Pierre Lévy, em entrevista para o autor deste artigo concedida em Porto Alegre em junho de 2016.

tecnológica, em que não se precisa mais estar de corpo presente no local de trabalho, o homem do tempo livre se torna onipresente na produção da qual é criador e criatura.

## LEVEZA, IMATERIALIDADE E ESPETÁCULO

O mundo dos objetos e das relações pesadas de produção vê surgir um universo de leveza, imaterialidade e espetáculo. O homem deve libertar-se cada vez mais da produção para se dedicar ao consumo. Não apenas um consumo de objetos, mas de fruições simbólicas. O termo espetáculo remete, evidentemente, a uma leitura crítica do reino da mercadoria. Guy Debord, na sua tese 35, afirmava:

Por esse movimento essencial do espetáculo, que consiste em retomar nele tudo o que existia na atividade humana em estado fluido para possuí-lo em estado coagulado, como coisas que se tornaram o valor exclusivo em virtude da formulação pelo avesso do valor vivido, é que reconhecemos nossa velha inimiga, a qual sabe tão bem, à primeira vista, mostrar-se como algo trivial e fácil de compreender, mesmo sendo tão complexa e cheia de sutilezas metafísicas, a mercadoria (Debord, 1997, p. 27).

A astúcia do hiperespetacular – o espetacular na era da desmaterialização geral da economia e da vida – é a reversão, essa inversão do que estava invertido sem resultar num retorno ao ponto de partida: o coagulado volta a ser fluido, mas não o fluido anterior ao capitalismo. O fluido como última mutação da mercadoria com o menor grau possível de matéria ou mesmo totalmente desmaterializada. O fascínio pela mercadoria só aumenta. Quanto mais ela se desmaterializa, mais conquista os seus consumidores enfeitiçados. Se há quem veja nessa perspectiva uma necessidade de negação do capitalismo, há também quem declare o seu triunfo definitivo. Restaria abraçar e louvar as tecnologias capazes

de enterrar os entraves do passado. A revolução já teria acontecido ou estaria acontecendo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao invés de resistir ao novo, caberia ao homem hipermoderno compreender as possibilidades que se abrem e, na condição presente ou futura de beneficiário de cada vez mais tempo livre, escancarar-se para novas realidades. Tornar-se criador, artista, jogador, *fruidor*, reconciliar-se com a utopia do paraíso perdido. A produção fabril parece fadada a liberar mão de obra. A vida no campo tende para o deserto de homens. Máquinas realizam sem reivindicações os trabalhos que antes exigiam seres humanos vulneráveis. Velhas funções desaparecem. Surgem outras? Certamente. Mesmo assim, o tempo livre parece ser o tempo do futuro. Como ocupá-lo? Que sentido dar a ele? O apocalipse será, como na origem, o anúncio da boa-nova ou, como na vulgata, o fim dos tempos com pesadelos, desastrosos e desespero?

Na aurora do trabalho desmaterializado ou reduzido ao mínimo de matéria, uma função imaginária desponta provocativamente: programador de destino. O profissional capaz de formatar espíritos para uma existência sem fronteiras. Quando tudo se desmancha nas redes ou nas nuvens, a matéria converte-se num resquício, rastro de uma era superada, marca de um estágio da mercadoria, sinal de um tempo revoluto, vestígio de um modo de vida, de uma civilização, de um imaginário, de uma disposição no mundo e de uma cultura baseada na transformação da natureza em objetos mercantis de consumo finitos.

Por enquanto, contudo, um espectro ronda a utopia do imaterial. Leve, ágil e impalpável, o sistema, se Debord ainda pode ter alguma atualidade, continuaria o mesmo: “O espetáculo não canta os homens e suas armas, mas as mercadorias e suas paixões” (Debord, 1997, p. 44).

## REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

Debord, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: EbooksBrasil.com, 1997.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LIPOVETSKY, Gilles. *Da leveza: rumo a uma civilização sem peso*. Barueri: Amaralys, 2016.

Silva, Juremir Machado (da). *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.